

A CAMINHADA DE MEDELLÍN A PUEBLA

Luiz Alberto Gómez de Souza

Trinta e um anos de Medellín, vinte anos de Puebla. Os dois momentos estão intimamente unidos. Para apreendê-los bem, há que começar um pouco antes, no Concílio Vaticano II, 1962-1965. “Uma flor de inesperada primavera”, como o chamou João XXIII. Uma Igreja que observava com desconfiança os quase cinco séculos da modernidade, fazia seu *aggiornamento*, sempre nas iluminadoras imagens do Papa que abriu as portas e janelas de sua instituição aos “sinais dos tempos”. Um Concílio com forte presença européia, fazia o diálogo Igreja-mundo, a partir dos desafios dos chamados países desenvolvidos e modernos que, depois da Segunda Guerra Mundial, viviam o que hoje se chama suas “décadas gloriosas”. Mas o irônico desse encontro tardio é que ele se dá no momento imediatamente anterior ao esgotamento desses tempos de crescimento econômico e da própria modernidade. Em 1968, pouco depois do Concílio, os jovens saíram às ruas para protestar contra uma sociedade autoritária e sem rumo. Logo adiante, em 1971 e 1972, a crise do petróleo e o fim a conversibilidade do dólar, fariam desmoronar a economia do mundo industrial. A Igreja caminhava, com atraso, ao encontro da modernidade, quando esta já começava a ser questionada, a partir das intuições premonitórias de seus jovens...

Vaticano II, Vaticano III

Nos corredores do Concílio, um bispo-profeta, nosso D. Hélder Câmara, com alguns sacerdotes, teólogos e poucos colegas do episcopado, tentava levantar o tema da Igreja dos pobres, indicado por João XXIII no discurso aos padres conciliares, de setembro de 1962. Outros temas entraram — colegialidade, diálogo Igreja-Mundo, povo de Deus —, mas não este último, aludido apenas de raspão. D. Hélder tornou-se vice-presidente do CELAM, o conselho latino-americano dos bispos e, com seu grande amigo chileno, D. Manuel Larraín, presidente da entidade, — D. Manuelito, como ele carinhosamente o chamava —, começou a pensar na “aplicação” do Concílio à América Latina. Isso se encontra na correspondência dos dois. D. Manuel morreria num acidente de automóvel, logo após ter dado os primeiros passos nessa direção.

Mas já em 1965, nas últimas sessões do Concílio, D. Hélder encontrava Ivan Illich; ambos concluíram que o Vaticano II chegara ao limite de suas possibilidades e que era necessário começar a pensar... no Vaticano III. Não se podia ficar na comemoração dos resultados alcançados, que sempre são parciais e precários. Eles deveriam dar o impulso para seguir adiante. Illich quis reunir em Cuernavaca, onde criara o Centro Intercultural de Formação — o CIF — e o Centro Intercultural de Documentação — o CIDOC —, uma equipe para trabalhar nessa direção. Sei disso porque lá cheguei nesse mesmo 1965, com Lúcia e os filhos pequenos, ainda atordoado pela violência do golpe militar brasileiro do ano anterior. A idéia era olhar para a frente, a partir da América Latina, de suas práticas e de seus debates exemplares — educação popular, movimentos de ação católica especializada, as intuições sobre a dependência e a marginalidade, etc.

Os sonhos e os projetos freqüentemente são um pouco ingênuos e nem sempre se concretizam ou melhor, muitas vezes encaminham a outros resultados inesperados, e às vezes surpreendentes. Mesmo hoje, o Vaticano III ainda não é previsível nos horizontes próximos, já que estamos agora mais perto do clima centralista e personalizado de Pio XII do que do ensaio de colegialidade do bom Papa João. Mas o Vaticano III, de certa maneira, se realizou entre nós, como antecipação, em dois momentos, Medellín 68 e Puebla 79. Não podemos deixar de pensar naqueles concílios ou sínodos regionais dos primeiros séculos, lá no Oriente onde, à luz da prática e da reflexão teológica de Alexandria ou de Antioquia, se prepararam os concílios ecumênicos seguintes¹. Esses encontros latino-americanos não se reduziram à aplicação ou à transposição mecânica do Vaticano II entre nós. Eles foram

¹ H. MAROT, “Conciles anténicéens et conciles œcuméniques”, in B. BOTTE, et alii, *Le Concile et les Conciles*, Paris: Cerf, 1960, pp. 16ss.

mais longe, a partir do impulso das práticas das Igrejas da região, por onde parece ter passado o sopro vivificante do Espírito.

1968 da Igreja: Medellín

Reparemos inclusive na data: 1968. Cada século tem um ano decisivo, seu *turning-point*. 1848 fora o tempo das lutas sociais, do manifesto de Marx e do começo do pensamento social católico com os sermões de von Ketteller. Nesse mesmo ano, Frederico Ozanam lançara seu "passemos aos bárbaros", que para ele eram a classe operária e a República. Não foi ouvido por uma Igreja prisioneira do *ancien régime* aristocrático e monárquico. Mas estavam lançadas as sementes que levariam à *Rerum Novarum*, de 1891. Neste século XX, tudo indica que a data decisiva de uma virada histórica foi 1968: rebelião dos jovens, prenúncios de uma "crise secular" com o esgotamento do período de longa duração da modernidade². No mesmo ano, os bispos latino-americanos se reuniram em Medellín, para sua segunda assembleia. A primeira ocorrera em 1955, no Rio de Janeiro, quando da criação do CELAM. Meses antes de Medellín, em Chimbote, no Peru, um jovem teólogo, assistente dos universitários católicos, Gustavo Gutiérrez, numa reunião para sacerdotes, apresentava suas "notas para uma teologia da libertação", que seriam publicadas, sem revisão do autor, num boletim dos estudantes católicos latino-americanos. Também aí encontraríamos o dedo dos jovens. No ano precedente, o próprio CELAM, em Buga, na Colômbia, fazia dois encontros sobre universidade e sobre pastoral universitária, com anterioridade às explosões juvenis em Paris, Berkeley e Columbia e meses antes que os estudantes ocupassem a Universidade Católica de Santiago, no Chile (outubro de 1967). Ali, na mesma Colômbia do Medellín seguinte, discutimos a idéia de uma "educação para a libertação"³.

Nesse contexto histórico, ocorreu Medellín, num país devastado por décadas de violência. Os relatórios dos grupos de trabalho dessa reunião — inaugurada por Paulo VI, com um discurso mais bem cauteloso —, indicam resultados desiguais. Mas, em algumas comissões, Paz, Justiça, Pobreza na Igreja, as conclusões foram criativas e ousadas. Vale constatar que, como freqüentemente ocorre, a memória coletiva do encontro, seletivamente reteve esses tópicos e relegou ao

² Para as noções de longa duração, crise secular e esgotamento da modernidade, cf. BRAUDEL, *Civilisation matérielle, Économie et Capitalisme, XV-XVIII siècle*, tome 3, *Le temps du monde*, Paris: Armand Colin, 1979, p. 56-73, 537-548.

³ Para os encontros de Buga cf. L.A. GÓMEZ DE SOUZA, "Problemática da educação na América Latina", in Id., *Classes populares e Igreja nos caminhos da história*, Petrópolis: Vozes, 1982, pp. 93-107.

esquecimento outras afirmações mais rotineiras e previsíveis. Quando nos lembramos de Medellín, vêm-nos à mente as denúncias da violência institucionalizada (Paz), da miséria "como feito coletivo, injustiça que brada aos céus" (Justiça) e de "uma situação de pecado" (Paz). O encontro vai falar de um clamor por uma "libertação que não chega de nenhum lugar" (Pobreza). E pede uma "verdadeira libertação" que exige "uma profunda conversão para que venha a nós o Reino de justiça, de amor e de paz" (Justiça). Solicita que se "apresente de maneira cada vez mais nítida na América Latina, o rosto de uma Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal, desligada de um poder temporal e audazmente comprometida com a libertação de todo o homem e de todos os homens" (Juventude). Um sujeito destaca-se a partir de Medellín: o pobre⁴.

Uma década fecunda

Abria-se um novo horizonte em Medellín, que não era fruto de improvisação nem carecia de antecedentes. Os bispos holandeses, em carta coletiva de 1960, preparando o Vaticano II, disseram que um concílio era "a concretização, particularmente expressiva, do que já ocorria, de maneira mais ou menos despercebida, na vida do povo de Deus"⁵. Algo semelhante aconteceu em Medellín. Não foi uma reflexão no vácuo, mas recolheu, visibilizou, o que já fermentava nos meios eclesiais das Igrejas locais, em suas experiências pastorais, na ação católica de juventude, nos movimentos familiares, camponeses, operários, entre os índios... Medellín foi o ponto de chegada e de amadurecimento de uma caminhada dos anos 60 e o ponto de partida daquela que será a realmente "década gloriosa", da Igreja latino-americana, e que vai de Medellín 68 a Puebla 79.

À luz de Medellín, as experiências pastorais renovadoras explodem por todo o continente e se desenvolve o enorme potencial das Comunidades Eclesiais de Base. Quantas vezes criticamos um certo atraso da Igreja em relação aos problemas e temas de alguns momentos históricos. Sem poder esquecer, é claro, sua presença pioneira nos acontecimentos dos séculos que construíram a Europa. Pois bem, olhando em retrospectiva, nessa década não houve *aggiornamento*, pois a

⁴ Para uma análise recente do encontro de Medellín, comemorando seus 20 anos, cf. o número especial da revista *Páginas*, n° 152 (agosto de 1998) Lima, Peru, com a contribuição de vários autores. Apoiei-me no artigo de G. GUTIÉRREZ, "Actualidad de Medellín", p. 6-17, indispensável testemunho de um participante decisivo. Aí contribuí com "Una mirada desde Medellín", pp. 37-40.

⁵ *Documentation Catholique*, Paris, n° 1354 (18-6-1961), citada in R. DALE, L.A. GÓMEZ DE SOUZA, D. LIMA, *O que será o Concílio*, Rio: D. Bosco, 1962, p. 21.

Igreja já estava em dia e, em certos aspectos, se adiantava, renunciando os novos sinais dos tempos, a partir de suas práticas pastorais. Muitos cientistas sociais partiam dos textos da Igreja para seus diagnósticos. Aí se realizavam profecia e antecipação.

Mas cuidado, não idealizemos o passado; isso não se deu sem tensões, ingenuidade e simplificações, como qualquer experimentação nova. Também foi uma caminhada de grupos pequenos, às vezes mal vistos, ignorados e mesmo combatidos pelas práticas oficiais dominantes. Tratava-se daquelas "minorias abraâmicas" a que se referia D. Hélder. Minorias subversivas e criativas, ameaçando hábitos e rotinas estabelecidas.

Foi nesse contexto que se começou a preparar o encontro seguinte de Puebla. Deveria realizar-se dez anos depois, em 1978. A morte de Paulo VI e a passagem fugaz de João Paulo I, atrasaram o evento por alguns meses, e por isso passou para o ano seguinte. Na preparação os setores conservadores, que desde 1972 ocupavam a direção do CELAM, trataram de mudar a direção e de buscar outras orientações. Os documentos de consulta e preparatório, prévios ao encontro, deixavam de lado as intuições de Medellín, e se fixaram numa idéia de cultura latino-americana abstrata e carente de tensões. Criticando o documento de consulta preparado pelo CELAM, tive ocasião de indicar que sua orientação era "filosoficamente idealista e liberal, sociologicamente modernizante, ideologicamente desenvolvimentista". E perguntava qual a opção de base do próximo encontro: "cultura dominante ou classes emergentes". "Querem analisar os valores legitimadores dos grupos dominantes ou a capacidade transformadora dos setores populares? Dito em outros termos: um estilo de vida difuso ou o pobre incômodo e questionador" ⁶.

A confirmação em Puebla

E assim, de Medellín chegamos ao encontro de Puebla. Muito se tem escrito a respeito⁷. Retomo apenas alguns tópicos de textos anteriores. Houve um filtro de segurança cuidadoso para evitar a presen-

⁶ L. A. GÓMEZ DE SOUZA, "Uma opção de base: cultura dominante ou classes emergentes", in Id., *Classes populares*, Op. cit., p.153-169.

⁷ A REB, 39/ n° 153 (março de 1979), dedicou vários artigos ao evento, tendo como título geral "Os avanços de Puebla". No livro *Classes populares...*, Op. cit., os capítulos X,XI,XII e XIII tratam do encontro, pp. 153-223. A editora PPC, de Madri, publicou seis volumes a respeito, entre eles *Los pasillos de Puebla*, *Puebla vivida por los teólogos*, 1979. A Indo-american Press de Bogotá também editou seis livros, entre eles *Estudios sobre Puebla*, 1979. Ver FREI BETTO, *Diário de Puebla*, Rio: Civilização Brasileira, 1979.

ça, no recinto da reunião, de assessores embaraçosos para os que queriam controlar os resultados. Mas um bom número de teólogos, sociólogos, educadores, cientistas políticos, dirigentes de movimentos eclesiais, se encontraram na cidade mexicana, "do lado de fora"⁸. Trabalho intenso. Numerosos bispos saíam das sessões e, à tarde, se reuniam com esses assessores externos e oficiosos. Documentos de trabalho chegavam às suas mãos, elaborando-se propostas de sugestões, ou modos, para usar a expressão empregada já no Concílio (lembro-me que eles se dividiam em modos "normais", "modinhos", "questões de detalhe" e *modazos*, em espanhol, pelos quais valia a pena insistir). Havia um profundo diálogo entre delegados e especialistas. Ao mesmo tempo, estes últimos participavam de debates que atraíam a atenção de centenas de jornalistas, postos à margem do trabalho interno, bastante resguardado. Criava-se assim uma espécie de "opinião pública", como em 1950 já tinha pedido Pio XII para a vida da Igreja.

Ao mesmo tempo, a presença de João Paulo II, novo Papa no vigor de suas forças, com seu carisma enorme, e o entusiasmo delirante do povo mexicano diante dele, faziam um contraponto à reunião. Alguns chegavam a dizer que bastava selecionar partes das alocuções papais e com elas armar o documento final do encontro. Seu discurso de abertura, na primeira parte do texto, fizera vários alertas aos riscos de excessos, ainda que ao final abrisse perspectivas. É função, às vezes, ingrata do magistério chamar a atenção para possíveis distorções e isso mal compreendido, pode se tornar fator de inibição e de bloqueio. Houve um momento de indecisão e de dúvidas nas primeiras horas. Mas o próprio Papa, em sua viagem pelo interior do México, tivera palavras corajosas diante das injustiças sociais e de alento às comunidades indígenas. E, em sua alocução à reunião, ele sugeriu tarefas, mas "entre tantas outras que vossa clarividência pastoral indicará". Logo depois o presidente do CELAM, cardeal Aloísio Lorscheider, colocou a assembléia diante de grandes pistas de trabalho, lembrando o grito de esperança e de angústia do povo latino-americano, que "pede uma resposta profética". E sugeria que "o mais urgente é a defesa ou a proclamação da dignidade da pessoa humana, a proclamação dos direitos fundamentais da América Latina à luz de Jesus Cristo"⁹. Desanuviou-se o clima de inseguranças e os debates começaram intensos, com o abandono praticamente total dos documentos preparatórios timoratos e sem relação com os graves problemas da região.

⁸ As contribuições desses especialistas foram recolhida por X. GOROSTIAGA (ed.), *Para entender América Latina, aporte colectivo de los científicos sociales en Puebla*, San José, Costa Rica: Educa, 1979, e publicado também no Panamá: Ceaspa, 1979.

⁹ A. LORSCHIEDER, "Relación introductoria a los trabajos de la III Conferencia General del Episcopado Latinoamericano", *SEDOC*, Petrópolis, 11(1979) 943-946.

Vinte e um grupos de trabalho discutiram intensamente, articulados por uma comissão eleita pela assembléia, onde se destacaram D. Luciano Mendes de Almeida (que seria figura-chave no encontro seguinte de Santo Domingo, em 1992), D. Luis Bambarém, do Peru e D. Marcos Mac Grath, do Panamá. Daí saiu um longo documento, inevitavelmente desigual, com parágrafos de compromisso entre as tendências, mas, em seus eixos centrais, aberto e criativo¹⁰. Muito se tem falado de seu incisivo diagnóstico, tão diferente daqueles apresentados pelos documentos preparatórios. O documento confirma o encontro anterior e vai inclusive além. Parte do "dinamismo de Medellín, cuja visão da realidade assumimos e que se tornou fonte de inspiração para tantos documentos pastorais na última década" (nº 25). Afirma, no texto aprovado na reunião, que "à luz desta ótica de libertação integral descortinamos a década de Medellín a Puebla como fase de mudanças, de frustrações e de contrastes" (esse parágrafo, aliás, desapareceu no texto definitivo oficial revisado). E indica que "nessa angústia e dor a Igreja discerne uma situação de **pecado social**, cuja gravidade é muito maior porque se dá em países que se dizem católicos (nº 28)". O diagnóstico é severo: "depois dos anos cinquenta, e não obstante as realizações obtidas, as amplas esperanças do desenvolvimento têm fracassado e têm aumentado a marginalização de grande parte da sociedade e a exploração dos pobres" (nº 1260).

Tudo encaminha para o eixo central do documento: **a opção preferencial pelos pobres**. No futuro se tratará de matizar (amor preferencial, opção não excludente, etc.), porém a idéia sai em Puebla clara e incisiva. Mas o documento avança mais. Os pobres não são apenas objeto de atenção preferencial; são também sujeitos da evangelização: "o compromisso com os pobres e oprimidos e o surgimento das Comunidades de Base ajudaram a Igreja a descobrir o **potencial evangelizador dos pobres**: enquanto estes a interpelam constantemente chamando-a à conversão..." (nº 1147). A idéia é precisa: os pobres evangelizam. Em pinceladas vivas e certeiras, o documento reconhece os traços do sofrimento de Cristo nos rostos de índios, afro-americanos, camponeses, operários, populações marginais, subempregados e desempregados, jovens, crianças e anciãos (nº 34). O texto definitivo alterou a ordem das citações, que começavam pelos mais graves, e a versão brasileira empobreceu seu vigor, ao traduzir "rostos" por "feições". Mas isso não tirou a força das afirmações.

A continuidade com Medellín é constante. Na opção preferencial, indica que "volta a assumir, com renovada esperança na força

¹⁰ III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, *A evangelização no presente e no futuro da América Latina. Puebla: conclusões*, São Paulo: Loyola, 1979. Nesta obra, a Introdução, de J.B. LIBANIO SJ, é a mais completa análise do texto, seu contexto, chaves de leitura e aspectos fundamentais (pp. 55-79).

vivificadora do Espírito, a posição da II Conferência Geral que fez uma clara e profética opção" (nº 1134). E vai apoiar fortemente as Comunidades Eclesiais de Base, "expressão do amor preferencial da Igreja pelo povo simples" (nº 643).

A formação de um consenso eclesial

Alguns analistas querem estudar a dinâmica dos encontros eclesiais à luz das correlações de força de grupos políticos. Não entendem, em consequência, como uma minoria dinâmica pode levar ao consenso, em afirmações que vão além do que normalmente pensa a maioria do episcopado, em geral mais cautelosa e freqüentemente pouco informada. Não podemos utilizar aqui o que se aplica na análise dos politólogos a grupos políticos ou ideológicos. Entre os bispos, geralmente, não há alinhamentos com limites muito precisos, e eles, em geral, não vão às reuniões como representantes de setores ideológicos determinados. Sua própria sensibilidade, propensão ou aversão a certas idéias, ainda que predisponha, não inibe definitivamente. Podem mudar suas opiniões. Inclusive uma orientação catalogada de conservadora pode coexistir com experiências pastorais abertas em outros domínios, e até mesmo radicais. Como também certos prelados, considerados aqui e ali como extremistas ou subversivos, podem estar ligados a experiências pastorais ou a posições diante de certos temas (afetividade, por exemplo), bem mais moderadas do que seria previsível.

Mas o fundamental, e isso se aplica também às reuniões da CNBB em Itaici, é que os bispos que terminam se impondo e indicando as orientações que serão adotadas, são aqueles que têm uma prática pastoral mais vital e vigorosa a apresentar, mesmo sendo minoria na assembléia. Em torno de suas declarações se vão configurando consensos, recebendo apoios que uma simples análise de posições ideológicas não explicaria. O definitivo ali não é o embate das idéias ou o poder de convencer, nem a habilidade para manejar assembléias, mas a força irradiante das práticas e das realidades apresentadas. Elas se impõem e recebem uma aprovação que, a princípio, pareceria impossível. Há um poder intrínseco de convencimento das ações fecundas e dinâmicas. Em torno delas, aliás, se polarizam as posições, para indicar suas potencialidades ou alertar para seus perigos. Para bem ou para mal, todos terminam falando de alguma situação relevante e desafiante que centraliza os debates e não pode mais ser omitida¹¹.

¹¹ Tratei mais em detalhe destes pontos em "Uma minoria leva ao consenso" e "A criação do consenso a partir das práticas pastorais", in *Classes populares...*, *Op. cit.*, pp. 190-194, 201-203.

Analisando de perto as discussões nas comissões de Puebla e a elaboração das diferentes versões de seus documentos, salta à vista o contraste entre a força das experiências vitais da pastoral popular e de uma reflexão teológica vigorosa em torno ao tema da libertação e a falta de resultados significativos dos setores tradicionais, com seus discursos vagos, carregados de lugares comuns, enredados em medos e cautelas. Os primeiros impuseram-se naturalmente, à medida que se faziam presentes nos debates. Isso era bem claro, aliás, nas entrevistas com a imprensa, onde era possível sentir o impacto de certos testemunhos (Cardeal Arns, D. Moacyr Grechi do Acre, D. Leonidas Proaño de Riobamba no Equador, Pe. Arrupe, superior dos jesuítas) e a impaciência diante de intervenções gerais ou apenas acauteladoras, freqüentemente pequenos sermões de conselhos piedosos. O mesmo ocorria no interior do encontro, onde intervenções mais incisivas convenciam e superavam incertezas e dúvidas, contagiando todos aqueles que não tinham a mente e o coração fechados, e procuravam entender os caminhos misteriosos por onde ia soprando, através de práticas, às vezes surpreendentes, o Espírito de Deus.

É claro que há ausências no documento de Puebla, como uma afirmação clara diante das mortes e dos mártires da caminhada. Ali estava presente D. Oscar Romero, que descreveu emocionado a situação de seu país e que, um ano depois, daria com seu sangue o testemunho pela vida e pela defesa dos oprimidos. Mas o importante não é o documento em si mesmo, em sua coerência ou incoerência interna, mas suas orientações básicas de denúncia de um pecado social e de anúncio de uma pastoral renovada, em torno da opção pelos pobres.

Não podemos esquecer que há no documento outra opção, menos valorizada nas análises do momento, mas não menos significativa vista hoje: a opção pelos jovens. Estávamos em 1968 e os bispos, talvez não totalmente conscientes, pressentiam e indicavam o vigor que, naqueles meses de maio a setembro, brotava pelo mundo afora das novas gerações, que questionavam profundamente a modernidade e uma civilização em crise.

De Puebla para cá

Puebla tornou-se assim o ponto de chegada de uma década riquíssima em práticas pastorais, completando e ampliando Medellín. Mas a história não pára e a década dos anos 80, uma "década perdida" para os economistas, terrível do ponto de vista do aumento da exclusão e dos desequilíbrios sociais, foi, entretanto, um tempo de crescimento da sociedade civil e da ampliação dos horizontes dos movimentos sociais: movimentos femininos e feministas, negros, ecológi-

cos, índios, etc. Alargamento da consciência da diversidade e da potencialidade dos rostos latino-americanos. Em artigo de 1988, Gustavo Gutiérrez toma uma expressão de João XXIII, pronunciada pelo Papa pouco antes de sua morte (em 1963) e faz o convite para "olhar longe" (*mirar lejos*), "para além de nossos pequenos mundos, de nossas idéias e discussões, de nossos interesses, dos momentos difíceis e — por que não dizê-lo — de nossas razões e legítimos direitos"¹². Ficar imóvel num presente fluido ou na repetição do proclamado é perder o pé e, pouco adiante, passar para trás.

A leitura criativa de Puebla teria de ser um convite para não deixar de estar atentos às suas intuições fundamentais, porém, sem perder de vista novos e imprevistos desafios. A Igreja latino-americana, pelo menos através de suas pastorais sociais mais dinâmicas, à luz de Medellín e de Puebla, situara-se na linha de frente da defesa em favor da justiça social e pela causa dos pobres, dos camponeses, populações urbanas do subemprego, do desemprego e do biscoito. Foi sendo convocada a abrir-se também aos novos temas do gênero, da afetividade e da ecologia, diante de mutações sociais muito profundas e de valores culturais emergentes. Não lhe foi fácil entender novas problemáticas e, sem renunciar às opções tomadas, tentou integrá-las num marco mais amplo, nem sempre com êxito e freqüentemente com temor e excesso de cuidados. Em Santo Domingo, em 1992, enfrentará com criatividade o tema da inculturação, mas lhe faltará audácia para reconhecer sua dívida insolvente com o negro e com o índio, nos 500 anos de dominação, ou para avançar no tema da mulher e do gênero.

Para alguns estudiosos, pouco a pouco, os dinamismos de Medellín e de Puebla e, principalmente, as práticas das pastorais sociais, foram sendo esvaziados. A situação real não corresponde a esses vaticínios feitos à ligeira. Na verdade, em diagnósticos apressados, corremos o risco de idealizar e de simplificar o passado, incluindo aí os resultados de Medellín e Puebla, e de não saber ler a complexidade e as contradições do presente. Não nos esqueçamos que a caminhada descrita até aqui não estava isenta de incertezas e ambigüidades, que as pastorais sociais renovadas conviviam com setores bem mais conservadores e que sempre enfrentaram resistências, às vezes, quase insuportáveis. Mas, por outro lado, inquestionavelmente, basta viajar pelo país e ver que continuam ainda hoje, presentes nas bases, coexistindo é claro com outras práticas de direções divergentes. Tanto é errôneo crer que só elas eram decisivas no passado — ainda que esse chegue até nós filtrado, retendo os aspectos mais criativos —, como afirmar que desapa-

¹² G. GUTIÉRREZ, "Mirar lejos", *Páginas*, Lima, Peru, nº 93 (outubro de 1988) 63-98. Nesse número dedicado aos 15 anos da publicação de *Teologia da Libertação* e 60 anos de seu autor, este mostra notável capacidade a abrir-se a novos horizontes.

receram hoje, diante de novos movimentos e de outras experiências pastorais. Deixaram de ser moda, e logo os analistas novidadeiros correm afoitos para proclamar sua morte desejada. Mas, olhando mais de perto e com cuidado, descobrimos sua ação decisiva e vital, nem sempre nos mesmos lugares de origem e, necessariamente, em novos moldes, sem o qual seriam experiências embalsamadas. Alias, o desafio para essas práticas pastorais não é o de seguirem presentes, mas o de continuarem se renovando.

A Assembléia de Santo Domingo, em 1992, mostrou uma conjuntura de poder eclesiástico muito mais fechada do que a dos encontros anteriores. Num texto sobre essa reunião, eu me referia a “um encontro difícil”¹³. Mas mesmo assim, a Assembléia voltou a afirmar opções fundamentais no campo da promoção humana, ainda que seu relato histórico, no marco desafiante de uma celebração de cinco séculos, como indicado mais acima, foi lamentavelmente deficiente, e sua cristologia perdeu toda a riqueza acumulada por uma reflexão latino-americana anterior, que estava trabalhando o seguimento de Jesus.

O Sínodo das Américas, mais perto de nós, colocou-nos num contexto mais amplo, com vantagens para um diálogo com as Igrejas irmãs do norte e com o risco de perder de vista certas especificidades e urgências da região. Terão terminado os espaços latino-americanos, como aconteceram de Medellín a Santo Domingo? O passo seguinte poderia, quem sabe, ser um encontro planetário ou, em linguagem eclesial, um novo concílio ecumênico? Falamos, acima, de um possível ou desejável Vaticano III. Quando, em 1964, falei disso a Alceu Amoroso Lima, ele me escreveu dizendo que por sua idade não o veria, mas que talvez eu, jovem na ocasião, lá poderia chegar¹⁴. Tenho agora

¹³ L.A. GÓMEZ DE SOUZA, “O encontro de Santo Domingo”, *Vermelho e Branco*, ISER, nº 34 (dezembro de 1992), e publicado na revista *Tierra Nueva*, Buenos Aires, ano 7, nº 20 (abril de 1993), com o título “Un encuentro difícil”.

¹⁴ L.A. GÓMEZ DE SOUZA, “Amoroso Lima na preparação da Idade Nova. Reflexões a partir de uma carta sua de 1964”, *REB* 43 / nº 172 (1988) 707-713. Em resposta a meus entusiasmos juvenis escrevia o Dr. Alceu em março de 1964, dias antes do golpe: “Você é um militante, um engajado e diz, muito bem, que está no grupo dos que ‘estão preparando o Vaticano III’, com toda a razão. Do meu canto, do meu observatório de aposentado em todos os sentidos, de livre atirador, de *peregrino* e nada mais, sinto perfeitamente que não será ainda neste século que o impulso dado por João XXIII se incorporará à Igreja. Se João XXIII tivesse acompanhado o Vaticano II até o fim, talvez. Mas a Providência dispôs de modo diferente. E é essa a linha da Igreja. Nós, *eu pelo menos*, não verei o III. Você talvez. Mas, de qualquer modo, eu no meu canto de velho reformado, você na linha de combate, estamos preparando os caminhos para o Cristo do século XXI, como fizeram os 72 discípulos, que ele mandou, ‘dois a dois’, prepararem os caminhos do Senhor”. Guardo até hoje, com emoção, estas palavras. Pensando estar aposentado, mal sabia ele que seria uma das figuras centrais, nos tempos da ditadura, para clamar pelos direitos e pela liberdade.

minhas dúvidas, bem depois, com várias décadas às costas, mas digo aos jovens o que ele me indicou então. Os sínodos atuais, gerais ou regionais, são demasiado centralizados, mantendo-se numa posição cuidadosa e consultiva, dependente da cúria romana, ainda que o asiático e o da Oceania tenham tido momentos desafiadores. A preparação do Vaticano II encaminhava-se nessa direção de controle pela burocracia, mas a ousadia de alguns bispos produziu uma virada na primeira sessão. Não afastemos a possibilidade de outra inesperada primavera mais adiante. Porém, o que interessa mais, como foi dito anteriormente, não são reuniões nem documentos ou pontos de chegada de um processo, mas práticas pastorais fecundas.

Temos de estar atentos, pois, às práticas vitais emergentes, muitas das quais poderão surpreender aos que se acostumam com rotinas. Não esqueçamos que mesmo as inovações de hoje podem se rotinizar logo adiante. O Espírito manifesta-se de muitas maneiras; ser fiel à caminhada de Medellín a Puebla não é encantoar-se defensivamente em seus achados, mas redescobrir, em novas situações, o dinamismo vital e a ousadia criadora que percorreu a Igreja naqueles tempos, como profecia e como anúncio de Esperança.

Luiz Alberto Gómez de Souza, doutor em sociologia pela Universidade de Paris III (Sorbonne Nouvelle). Tendo trabalhado no Ministério da Educação e nas Nações Unidas, professor nas Universidades do Rio de Janeiro e pesquisador do IBRADES, é atualmente Diretor Executivo do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS).

Endereço: Rua das Laranjeiras, 525 - apto. 1002

Laranjeiras

22240-002 Rio de Janeiro - RJ

e-mail: lasouza@openlink.com.br